

FERNANDO DA SILVA CORREIA

*A responsabilidade
dos Universitários
na
Sanidade da Nação*

■

LISBOA
1 9 4 1

RC
MNCT
378
COR

FERNANDO DA SILVA CORREIA

As um distinto Calça Sr. Dr. A. Carlos Muzo
opa com a prova de apuro
A autora

*A responsabilidade
dos Universitários
na
Sanidade da Nação*



EDITO CERCIA VIVA
ROMULO DE CARVALHO

RL
111CT
378
COR

LISBOA
1 9 4 1

No. 1000
1000

1000

1000

A responsabilidade dos Universitários na sanidade da Nação (1)

por **FERNANDO DA SILVA CORREIA**
Inspector da 3.^a Area da Saúde Escolar.

Era intenção minha falar, em vez de ler, conversar com vocês, rapazes, ouvir as vossas observações, procurar responder-lhes e escuta-los — conversar, enfim, está dito tudo.

Mas a vida, como as cheias do Mondêgo, tem-me levado as ilusões... deixando no fim o lódo da experiência.

Podia haver quem, não vindo escutar-me, ou dormindo, no seu pleníssimo direito, enquanto eu falasse, me atribuísse depois coisas que eu não houvesse dito.

Para evitar isso preferi lêr; ser mais fastidioso (se é possível). Perdõem. O que vos trago é, assim, menos vivo, menos frêsko: — E' requentado. Mas é igualmente sincero e desinteressado.

* * *

Nunca é sem emoção que venho falar a Coimbra.

Quando um velho amigo, daqueles poucos cuja dedicação, impossível de improvisar, os faz míopes, levando-os a ver qualidades e talentos onde só há vulgaridade e insignificância, bem patentes para tôda a gente, menos para êles, me foi buscar ao meu retiro, para vir de Lisboa dizer algumas palavras na Associação Académica de Coimbra, a minha resposta foi de franca, sincera e justificada escusa. Cansado de trabalhar e, mais ainda, de ver deturpar as minhas intenções, queria poupar a êsse amigo o trabalho de ter de esclarecer quem extranhasse a minha vinda, sossegando por ven-

(1) Conferência realizada na Associação Académica de Coimbra, em 6 de Março de 1940, a convite do Sr. Vice-Reitor da Universidade.

tura quem acaso ainda acredite, neste ano da Graça de 1940 em almas do outro mundo...

Magoei todavia eu êsse amigo com a recusa de quem vive bem longe de preocupações que não sejam claras, como o magoei por não ter reparado que se tratava de falar a rapazes e a rapazes de Coimbra e da Associação Académica.

Ora na verdade eu não reparara que era a rapazes e só a rapazes que eram destinadas as minhas palavras e essa circunstância e a consideração pessoal, intelectual e moral, que tenho por êsse amigo desde que bem o conheço, há trinta anos, não me permitiam negar-me a aceder a um seu pedido, feito embora com o espírito, habitualmente tão lúcido, turbado pela amizade. E então vim, para lhe pedir desculpa a êle da hesitação, que, longe de ser covarde, apenas representava bem—querer, e para lhes dizer a vocês, rapazes, algumas palavras amigas. Perdõem elas não estarem à altura da vossa cultura. Mas eu, se vim, foi a pedido dum rapaz — dum «rapaz» do meu tempo — para uma simples palestra ligeira e sem pretensões ou erudição, que se tornassem suspeitas. Enfim, coisa de rapazes. Façam de conta que não lhes anunciaram uma «conferência», e não estão aí imobilizados pelas tradições de hospitalidade a ouvir um massador que veio de Lisboa no rápido só para os arreliar e lhes roubar a liberdade por um bocado. Suponha cada qual que está lá em baixo, a um canto da sala de jogos, a cavaquear despreocupadamente com um pequeno grupo. Suponham isso e a minha palestra parecer-lhes-há mais tolerável e a mim dar-me-hão caridosamente a ilusão de que sou moço ainda, como vocês, e assisto a um serão de há 25 anos, no tempo em que entrava na lista das eleições desta querida Associação, com tantos que a morte levou e outros que a vida dispersou, no tempo em que eu tinha ilusões e esperanças... e acreditava que são nossos amigos todos os que dizem sê-lo.

* * *

In illo tempore, quando eu andava com os meus condiscípulos por essas aulas, por essas ruas e por êsses campos «a arranjar passado à nossa vida», ligada indissolúvelmente para sempre a Coimbra, entendia-se que, ao vir qualquer sujeito de fora falar à terra, fora da Universidade, era para dizer mal dos lentes.

Quero sossegá-los a tal respeito. Eu não tenho senão que dizer bem dos lentes.

Julgo indispensável esta afirmação, para ninguém julgar que ao falar de universitários e sôbre a sua responsabilidade na sanidade da Nação, eu de qualquer modo tivesse pensado sequer, fôsse em quem fôsse, a não ser nos estudantes e em quem me honrou com o seu convite.

De resto conforme a disciplina que a *lógica* impõe ao ser feita a *reorganização corporativa da Nação*, não é, nem deve ser, a qualquer mortal que isso incumba.

Dos lentes só devem dizer mal os lentes e mais ninguém.

* * *

Posto isto, vamos entrar no assunto da nossa prometida conversa.

Fêz exactamente dez anos em dezembro que eu iniciiei, precisamente em Coimbra, uma série de *prêgações* a bem da sanidade dêste pobre país. Foi sôbre alguns aspectos do problema da protecção à infância em Portugal que eu então falei. Desde então tenho queimado o que me restava de mocidade numa campanha intensa, calorosa, inglória e inútil, pelos quatro cantos de Portugal. Do Pôrto a Faro, da Guárdia a Lisboa, de Setúbal a Portalegre, de Castelo Branco a Beja, tenho tido a coragem e a persistência de prègar no deserto. Porque não me tenham escutado? Não. Porque não me tenham acreditado? Também não. Tenho provas de sobejo do que afirmo.

Mas então se eu depois de dez anos de prègação estou convencido de que tenho estado a prègar no deserto, ¿porque insisto? Porque considero perdido o meu esforço e inúteis as minhas palavras?

Considero inúteis as minhas palavras porque as pessoas que me têm escutado, dando-me embora razão, não têm tido coragem nem fé para combater a rotina que as imobiliza.

Acedi ao convite gentil e generoso do Sr. Vice-Reitor da Universidade porque era a rapazes que eu vinha falar e em vocês, rapazes, eu tenho fé. Se a minha geração tivesse ouvido expôr certos problemas cuja resolução dependia de nós e só de nós, em vez de ouvir palavras de cepticismo e de revolta, as minhas palavras de hoje não teriam já oportunidade, pois no nosso país se haveria feito tal transformação que não gastaríamos, como gastamos, tanto tempo a vencer os cepticismos e as revoltas.

Em dez anos tive de lutar contra muita ignorância, contra muita indiferença (não por mim, mas pelo assunto), contra muita rotina, e muita reacção . . .

Foi essa indiferença, essa ignorância, essa rotina e essa reacção que me cansaram e me desiludiram, mas me animaram também a vir falar com vocês, rapazes.

Venho trazer-vos o facho aceso do meu entusiasmo e da minha fé na vossa mocidade e na vossa consciência da gravidade da hora que passa, como os velhos corredores da Grécia. Não o deixeis apagar! Caminhai sempre sem vaidade nem orgulho, mas consciô da dignidade da vossa missão e do vosso proceder.

Se vos revelo as contrariedades e desilusões não é para vos

tornar pèssimistas. O problema que vos trago não exige despesas nem material complicado, mas apenas um pouco de estudo e confiança nos que estudaram, (estudantes como vocês, embora envelhecidos) e vontade, muita vontade, vontade esclarecida, a melhor mostra de civilização, vontade nobre e elevada, dessa que faz milagres em que tôda a gente tem de acreditar.

* * *

Davam assunto para muitas palestras os múltiplos aspectos da higiene social universitária, como os da defesa da saúde da *élite* intelectual da Nação.

Não é meu propósito ocupar-me de todos êles e, muito menos, entrar em pormenores técnicos que mais não seriam do que uma exibição ridícula de erudição, se fôssem expostos neste lugar.

Apenas vou ocupar a vossa atenção com um dos aspectos do problema, embora êle seja de tal importância prática que, por si só, faz vingar ou falhar esforços técnicos, legislações, despesas de material e tudo o que é posto em qualquer país à disposição de quem tem a seu cargo a defesa da saúde duma população.

O amigo que aqui me fêz vir e ao qual cabem tôdas as responsabilidades da minha vinda, invocou como imperativo categórico para me desfazer hesitações o *dever de eu falar à juventude*.

Ora eu creio bem na razão de Marañon, ao dizer que depois de ter passado o Século XIX, o século dos *direitos* do Homem, nós temos de proclamar o Século XX, como o século dos seus *deveres*.

Vejam vocês, rapazes. Há trinta anos era ridículo falar em público em deveres, e eu, formado nessa geração, não tenho vergonha, nem mêdo, de vir falar-vos dêles. E' que, tal como Marañon, e, salvas as devidas distâncias, eu já tive ocasião de observar as conseqüências dolorosas resultantes para o indivíduo, para a família, para a sociedade e para a Nação, das doutrinas cépticas de *falsa e enganadora* superioridade, prègadas na minha geração. E é dever meu acautelar-vos, a vós, filhos dos rapazes do meu tempo, para que daqui a trinta anos não tenhais de confessar confrangidos o que Marañon confessou, manifestando aliás mais coragem do que a que teve de empregar para proferir frases bem mais conhecidas e celebradas.

A gente enquanto é estudante, não mede bem, em geral, a importância da missão para que está a preparar-se e a responsabilidade que dela resulta. Deve suceder a vocês o mesmo que me sucedeu a mim e aos rapazes do meu tempo.

E entretanto — escutem bem! — uma cidade universitária é um cadinho enorme onde se estão fundindo ao calor da Ciência, da Mocidade, da Fé, mil tendências, mil temperamentos, mil ideais,

mil vontades, mil interêsses, mil illusões, para dêles resultar uma liga extranha e requintada de preciosos metais, que representa o somatório dos inúmeros factores que constituem a cultura geral duma geração.

O convívio coimbrão (é bom que vós o saibais, pois é um gloriosíssimo título de glória para a vossa Universidade, reconhecido por todos os universitários de Lisboa e Pôrto que atentaram devidamente nêle) êsse convívio vale por uma nova universidade. Nas antigas *rèpublicas* aprendia-se com os companheiros de outras Faculdades, com as visitas, com os comensais, quer à mesa, quer depois de jantar, antes da hora do serão, não só em conversas, mas em discussões, em partidas e até em pirraças agarotadas, quasi tanto como na Universidade, para bem da nossa formação intellectual, tanta vez confundida com *informação*. E sabem vocês porquê? E' que numa resposta, num argumento e até num dito de troça, cada qual, sem dar por isso, sintetizava o que aprendera com o mestre, dizendo à sua maneira, sem pretensões, despido de pedantismo e de imponência, adaptado, enfim, à vida, numa pedagogia inesperada e eficaz, tudo o que verdadeiramente tinha applicação na vida.

Nesse tempo ainda o *freudismo* não tinha galgado a trincheira do bom senso, mas já o que nêle há de notável e duradouro se manifestava: — No sub-consciente de cada um ficava o que ouvia ao Mestre. Não o fixara *acadêmicamente*, não seria capaz de sôbre êle dar uma lição, mas transmitia-o ao sub-consciente dos companheiros, contribuindo para a sua cultura geral, essa cultura que alguém definiu, com felicidade, distinguindo-a da erudição, como sendo o que fica do que se aprendeu, depois de se julgar tudo esquecido e depois de esquecidas as fontes onde se bebeu.

Mal pensávamos nós então o que ficávamos devendo aos companheiros de casa, aos condiscípulos e aos amigos, das mesmas ou outras faculdades, e mal pensavam os respectivos mestres quanto os honravam êsses discípulos, por vezes obscuros, como mensageiros do seu saber.

E' que a preocupação de ensinar e aprender *muitas noções* foi sempre o ideal dos *ursos*, dela resultando o paradoxo constante de na vida prática ser vulgar brilharem com justiça (só falo dos que brilham com justiça) rapazes pelos quais ninguém deu nos cursos, mas que aprenderam na Universidade uma coisa que não esquece na vida com a facilidade com que esquecem as noções, mesmo aquelas que resistiram ao vendaval das idéias novas: — Aprenderam a estudar e a ser escrupulosos nos seus estudos, mesmo sem esperarem prêmios, nem *accessits*, nem honras, nem proveitos, porque se habituaram a ser escrupulosos para si próprios — êsse pouco!

Os pedagogos chamam a isso *formação*, como se sabe.

Mas o hábito e a rotina de tal modo alcandoraram os heróis da *informação* excessiva, inútil e espèctaculosa, que nós passávamos

por Coimbra sem percebermos que íamos oficialmente *formados*: — E' que o t ermo consagrado de *formatura*, tornado oficial e repetido automaticamente, não revelava já a sua origem nem a sua signi- fica o verdadeira.

E por isso nós não compreend amos que, se a *formatura* era devida às li es, às demonstra es e às leituras de livros e seben- tas, sendo por isso obra exclusiva da Universidade, a verdadeira *forma o*, era também devida   vida extra-escolar, das *réplicas*, dos cafés, dos passeios, — universitária afinal também e mais impor- tante do que nós julgávamos e até do que julgavam alguns dos mais sábios dos nossos mestres.

* * *

Não o ignora todavia o vosso Reitor, meu querido contempo- r neo e depois mestre incipiente, mas já brilhante, nome justamente prestigioso no meio científico e médico português, como o não ignora o vosso Vice-Reitor, eterno moço, mesmo depois de av , conside- rado no nosso curso por todos como o melhor e o maior de todos nós, pelo carácter, pela inteligência, pelo saber e até pela sua ale- gria e são optimismo.

E porque o não ignoram, pensaram inteligentemente em obstar aos inconvenientes do desaparecimento das *réplicas* e ao do abuso dos cinemas, criando na Associa o Acad mica o *clima* (desculpem o modernismo consagrado), o *clima* espiritual que permita manter a tradi o da cultura geral coimbrã e que distingue o estudante daqui do das outras Universidades.

S  merecem louvores pelo empreendimento.

E' precisamente nessa cultura geral, adquirida sem esforço, no conv io inteligente e bem orientado, que temos de confiar para a resolu o dum dos problemas mais graves da Nacionalidade, o da defesa da saúde dos portugueses.

Vejamos então qual o papel que cabe   mocidade universit - ria na defesa da saúde dos portugueses.

* * *

Ao falar-se em defesa da saúde, há uma classe de profissionais cujo nome acode lógicamente   idéia de tôda a gente. Essa classe   a dos médicos.

Com efeito, são os médicos os técnicos a quem incumbe a defesa da saúde, quer individual quer colectiva.

O médico pode ser chamado a dar remédio aos males ou a evitar êstes — o que   sempre preferível. Em Portugal pouco se pede aos médicos que ensinem o modo de se evitarem as doenças. Cada qual só se lembra dêles quando já se encontra doente, muitas

vezes tarde e a más horas, com freqüência depois de deixar que o mal se agrave com tratamentos de charlatães mais ou menos inconscientes e arrojados.

A imprevidência dos portugueses em todos os campos é bem conhecida, sendo inútil perder tempo a demonstrá-la, visto ela paten-tear-se claramente a cada passo.

O velho ditado, «mais vale prevenir que remediar», é esquecido sistemáticamente.

Ora a saúde da população, se depende da saúde de cada um e é apenas o somatório das saúdes individuais, não pode conseguir-se unicamente com a intervenção de médicos quando êstes são solicitados pelos que se sentem doentes ou por suas famílias.

Para se compreender que a saúde está abalada é preciso saber em que consiste a saúde individual, o que só pode ser apreciado por cada um quando a sua sensibilidade lhe revela a existência de certos sinais — os sintomas. A intervenção do médico muitas vezes é pedida tardiamente, quando já não é tempo de conseguir debelar o mal, ou quando se torna incomparavelmente mais difícil conseguir-lo do que se a intervenção fôsse oportuna. Não se contam os casos de tuberculose pulmonar de que os portadores nem suspeitavam e por isso levavam uma vida activa incompatível com quaisquer melhoras.

A intervenção do médico, por ser passiva e apenas solicitada, torna-se ineficaz em grande parte dos casos.

Bem diferente ela seria se fôsse activa, metódica e periódica, verdadeiramente preventiva, se cada qual cuidasse da vigilância do seu organismo... pelo menos como do motôr do seu automóvel, quando o tem.

O que se dá com a saúde individual, dá-se com a saúde colectiva. Os obstáculos que se opõem à medicina preventiva da colectividade são idênticos aos que dizem respeito aos indivíduos, obstáculos também passivos, uns, e activos outros.

Os obstáculos passivos são fundamentalmente a ignorância, a transigência e a rotina. Os activos são o arrojo e a inconsciência.

Ficou triste e vergonhosamente registada na História a campanha ignóbil feita no Pôrto em 1899 contra o Doutor Ricardo Jorge.

Apareceram na Cidade casos de doença estranha e suspeita. Ricardo Jorge, como autoridade sanitária, recebeu da origem do mal e teve uma suspeita horrível, que calou, por lhe parecer inverosímil: — Parecia tratar-se de peste bubónica. A-pesar porém da inverosimilhança, não pôs cómodamente de parte a hipótese e fez estudos laboratoriais aturados, que confirmaram as suas idéias. Diagnóstico difícil e inteligentemente feito, êle mereceria o aplauso e a gratidão de qualquer país civilizado. Em Portugal apenas serviu para incitar contra o grande higienista, o mais notável que Portugal tem tido em todos os tempos, tôda a turba inconsciente de

ignorantes, que, em campanhas de ódio e de extermínio só por acaso não vitimaram o grande médico, quando a epidemia foi estudada, e confirmada a sua natureza, por alguns dos médicos mais notáveis da Europa e do Mundo.

O que se deu no Pôrto com Ricardo Jorge, repetiu-se anos depois com Balbino Rêgo, seu companheiro da peste na capital do Norte, ao ser encarregado em 1906 de ir debelar uma epidemia, também de peste bubónica, na Madeira.

Balbino Rêgo, que aprendera na epidemia do Pôrto os mínimos pormenores de ordem prática precisos para tornar férteis os seus conhecimentos teóricos sôbre a luta contra a peste, pagando mesmo quási o seu tributo de sangue, pois esteve, êle próprio, atacado, como Carlos França e Câmara Pestana, apenas ao acaso devendo o não lhe ter aparecido peste pneumónica e o não ter ficado na História como mártir da Ciência e da Medicina; Balbino Rêgo, que conseguiu resistir aos ataques do bacilo de Yersin, ia sendo vítima na Madeira dum outro gérmen, *a que se devem bem mais mortes do que à peste*: — Ia sendo vítima da ignorância dos seus compatriotas.

E sabem vocês quem eram êsses compatriotas? Julgam que eram alguns pobres campónios, alguns modestos operários, ou alguns analfabetos? Não. Esses juntaram-se depois, formando turba inconsciente e feroz. Mas os que os desorientaram eram pessoas cultas, alguns dêles competentes nas respectivas especialidades, mas fazendo tanta idéia do que era a peste como o mais ignorante, estúpido e boçal dos analfabetos.

Entre êles contava-se, ao que parece, o próprio governador civil.

Que admira pois que o govêrno de então se convencesse de que o povo é que tinha razão e o médico tinha errado!...

Pobre Povo e pobre Govêrno, os dois extremos da Nação... Os responsáveis foram os intermediários, os homens cultos, mas de cultura incompleta, que sabiam, sim, da sua especialidade, mas inconscientemente sustentavam opiniões erradas e imprudentes sôbre especialidades de outros, que ignoravam, e a quem, por vaidade vã, não se dignavam ouvir.

Balbino Rêgo, diagnosticado o mal — peste bubónica — e sabendo que ela era transmitida pelos ratos empestados, atacou a epidemia, isolando os doentes, para que não fôsem picados por pulgas que depois fôsem infectar ratos ou pessoas, e promovendo a morte do maior número possível de ratos.

Os orientadores (ou desorientadores) da opinião pública começaram por protestar contra o isolamento, por êle «coarctar a liberdade dos doentes». Os povos de pouca cultura e de *temperamento* irrequieto confundiram sempre liberdade com capricho e licença e a previdência com abuso da autoridade.

Uma das noções históricas ligadas à palavra *peste* é a da grande

mortalidade, noção que levou os antigos a atribuir à peste a origem de epidemias mortíferas de gripe, varíola, febres tifóides, etc., e a duvidar da peste bubónica por ser relativamente benigna. Mas se ela é benigna para o individuo, quando é apenas bubónica, torna-se fatalmente mortal, mesmo para elle, quando se estende aos pulmões, como succedeu a Câmara Pestana, e, *felizmente*, não succedeu a Carlos França e a Balbino Rêgo. A colectividade é que corre perigo enquanto houver focos de infecção susceptíveis de infectar ratos, pelas pulgas, e enquanto os ratos infectados não fôrem exterminados.

E' claro que os desorientadores da Madeira ignoravam essas coisas.

Não foi por mal, quero crer, que procederam mal, como quero crer que não foi por mal, mas por ignorância, que no Pôrto atacaram Ricardo Jorge. Os maus e os especuladores appareceram, é certo, invocando interêsses legítimos (*legítimos* por serem os dêles, sem olharem aos da colectividade) e invocando a «política», êsse cartaz cómodo com que tanta gente ocultou sempre, em todos os tempos, a sua ignorância, a sua maldade e os seus interêsses materiais.

O caso é que, em conversas, em jornais, por todos os modos, de tal modo excitaram a população, que esta invadiu o hospital de isolamento e arrancou dali os doentes, passeando-os pela cidade num cortejo trágico, selvagem e inconsciente.

E como a sorte, *infelizmente*, também por vezes acompanha a ignorância e a estupidez, neste caso, *felizmente*, a virulência do microbio era frouxa e a intensidade da epidemia também fraca. A peste bubónica, não havendo pulgas, não é em geral contagiosa. Contagiosa é a imprevidência e a imprudência que se fia mais em aparências do que em autênticos perigos. Calcule-se a hecatombe que seria se entre os hospitalizados houvesse um que fôsse com peste pneumónica!

Qualquer português culto cora de vergonha ao ouvir contar casos como êstes. Mas os seus exemplos são aos centos, aos milhares! Temos motivos para crer que uma das fortes razões que concitaram ódios da turba ignara, instigada por *adesivos* sem escrúpulos, à República incipiente, contra o médico inteligente e idealista que foi António José de Almeida, foi a campanha sanitária que iniciou contra os prostíbulos, instalados em prédios de ricos sem escrúpulos. Que diremos da vergonha da varíola que mata em Portugal mais gente, em relação ao número de habitantes, do que em qualquer outro país da Europa! Da difteria, que também é em Portugal que mata mais; da febre tifoide, do tipo exantemático, paludismo, tuberculose, etc., em que, conquanto não bata o record macabro europeu, pouco longe anda dêle!

E da mortalidade das criancinhas, das maiores também do mundo, e revelada nas estatísticas pela perda de uma criança de menos de 5 anos de 12 em 12 minutos!

Como síntese trágica da mortalidade excessiva devida a múltiplas causas, muitas delas mal apuradas, aliás, pela imperfeição das nossas estatísticas, imperfeição em grande parte motivada pela enorme percentagem de pessoas que morrem sem assistência médica, ou ao abandono, ou (peor do que isso!) tratadas (passe o termo) por charlatães de várias ordens, alguns dêles com cursos superiores, para vergonha nossa; como somatório de tudo, êsse, então, impossível de sofismar, temos de confessar a mortalidade geral máxima global, entre todos os países da Europa.

Na verdade, Portugal, com o seu belo clima, com a sua vida tão agradável debaixo de tantos pontos de vista, é a nação europeia onde se morre mais.

Podia aqui apresentar provas múltiplas e indiscutíveis desta afirmação. Elas estão à disposição de quem por ventura duvide do rigor das minhas afirmações.

Todos os higienistas, todos os médicos cultos sabem que são verdadeiras estas palavras.

Mas não se trata apenas da mortalidade. Trata-se de alguma coisa mais grave, da falta de robustez dos que escapam, cujo somatório é medido pelo enfraquecimento da raça, verificado constantemente nas inspecções militares e nos exames de candidatos a companhias, fábricas e emprêsas de seguros.

Apenas posso limitar-me a resumir as conclusões, sem entrar em pormenores que alongariam esta palestra e a tornariam excessivamente fastidiosa.

E' todavia tempo de falar nos remédios e, principalmente, de dizer a quem me dá a honra de escutar-me, que responsabilidade podem ter os universitários em tal campo e em outros que se prendem com a sanidade da nação e como é que êles podem livrar a sua responsabilidade.

* * *

A par da medicina individual, arte difficil de manejar, oportunamente, ciências múltiplas, para defesa de certo doente, que é um ser humano, que sente, sofre e tem encargos e ideais na vida e não é apenas uma máquina como pensaram certos teóricos; a par dessa medicina individual, que incumbe (ou deve incumbir) apenas aos médicos e aos seus legítimos colaboradores, há uma *medicina social*, tão importante e precisa como ela, embora não deva ter a pretensão ridícula de a substituir, o que só pode acudir ao espírito de quem não conheça o assunto.

Essa *medicina social*, orientada evidentemente por médicos e por médicos que têm de ter tanta ou mais intelligência, saber, tacto e honestidade do que os que se dedicam à medicina individual, precisa de auxiliares múltiplos e por vezes inesperados.

A *medicina individual* precisa de enfermeiras competentes, atentas, carinhosas e honestas, inteligentemente caritativas, enfim.

Na maioria dos casos essas enfermeiras, fora dos hospitais, não são diplomadas, e são improvisadas, em cada família, conforme as qualidades, a coragem, os conhecimentos, a inteligência, bondade e zelo, entre pessoas dessa família, na maior parte dos casos mãis ou espôsas dedicadas, que suprem os conhecimentos técnicos pela intuição amorável e pela atenção e obediência cega às prescrições do *médico da casa*, velha instituição cujo valor nunca é de mais encarecer e tão desconhecido se está a tornar pelos que tanto a deviam apreciar e adorar mesmo, pois o verdadeiro médico da casa é digno da maior veneração.

Mas a *medicina social* tem também auxiliares, alguns de ordem técnica, sem dúvida, e precisando uma preparação cada vez mais difícil e até hoje pouco conhecida pela maior parte dos portugueses. Dada porém a circunstância de o campo da medicina social galgar os limites dos hospitais e das casas dos doentes, sem os excluir aliás de modo algum, ela exige outra ordem de auxiliares, alguns dêles inesperados, como disse, e que, tal como aquêlê homem que era filósofo sem o saber, estão também a colaborar na defesa da saúde dos seus compatriotas, sem ser como enfermeiros e muito menos como curandeiros, como muita gente seria levada a crer.

Com efeito, segundo o conhecido provérbio fixado na sabedoria das Nações, «de médico, poeta e louco, todos nós temos um pouco», e assim não é raro ver curiosos, alguns dêles conhecendo certos campos da arte de curar, como farmacêuticos, enfermeiros, barbeiros, etc., deixarem-se tentar pela glória fácil, quando não é pelo interesse monetário imediato, e quererem apresentar-se como *orientadores* dum tratamento ou duma campanha sanitária, médicos-à-fôrça imprudentes e perigosos (e de que fôrça, alguns dêles!).

Evidentemente não é dêsses auxiliares que eu quero falar. Se êles se limitassem ao âmbito dos seus especiais conhecimentos e nunca fôssem, como costuma dizer-se, além da chinela, a sua utilidade seria incontestável. Assim, não só se tornam duma utilidade constantemente prejudicada pelo que fazem perder aos médicos oportunidade de intervirem a tempo, tanto quanto a medicina científica e responsável o pode fazer, como obrigam quasi sempre os doentes a despesas inúteis, cuja importância acaba por ser bem superior à que bastava para êles serem inteligente e convenientemente medicados, pagando a médicos e farmacêuticos os seus justos honorários — mas só os justos.

Não é, repetimos, da colaboração dos curandeiros que queremos falar.

Queremos referir-nos, sim, à colaboração das pessoas cultas que não exercem qualquer profissão afim com a medicina e cuja acção pode ser tão importante a favor da saúde colectiva da popu-

lação, como a dos próprios médicos, por mais paradoxal que possa parecer esta afirmação. Queremos em especial referir-nos à colaboração dos universitários, dos futuros advogados, juizes, delegados, professores, militares, engenheiros, agrónomos, vereadores, presidentes de câmaras, deputados, ministros, presidentes de ministérios, etc.

E' da colaboração dos universitários, que hão-de formar, mais tarde, a *élite* intelectual e administrativa da nação, que eu vou falar em breves palavras.

* * *

Falei mesmo em presidentes em ministérios.

Com a tendência epidémica desta quadra de confusão mental europeia em que os pobres espíritos ingénuos e impulsivos de tantos dos nossos compatriotas se deixam imprevidentemente arrastar por ventos de insânia que nem sequer se sabe de onde vêm, não faltará quem julgue que pretendemos referir-nos à actualidade.

Com a franqueza, coragem e lealdade que me prezo de pôr em todos os meus actos e em tôdas as minhas palavras, não quero deixar de desmentir desde já quaisquer suposições.

Na verdade, ao falar em presidentes de ministérios, eu tinha em mente um só e êsse morreu já há uns poucos de anos e a justiça da História cada vez lhe tem elevado mais a memória e o prestígio, que os seus contemporâneos haviam abocanhado, levados por paixões, a cuja eclosão a geração de há 30 anos assistiu ingenuamente crédula e lamentavelmente cúmplice. Esse presidente do Ministério foi João Franco. Foi êle que, acreditando nas afirmações apaixonadas e facciosas do seu governador civil na Madeira e dos seus correligionários, deixou abocanhar, ameaçar e quasi matar, o competente e honrado médico Balbino Rêgo, que, a seguir ao cortejo ridículo, quasi transformado em batuque, pela inconsciência dos comparsas e pela ignorância dos *meneurs*, teve de recolher-se a bordo dum navio de guerra, enquanto no cais se juntava o povo, excitado, a insultá-lo e a querer que lho mostrassem como se mostra um lobo abatido pelos caçadores depois de ter devorado dezenas de carneiros.

Esse médico era apupado pela turba, com a cumplicidade passiva das autoridades do Funchal, pelo crime de ter posto o seu saber, a sua consciência e a sua dedicação, ao serviço precisamente dessa turba, por cuja vida estava a velar, sem conhecer sequer quem eram os seus componentes, nem cobrar dêles quaisquer honorários, pois tanto ganharia pela salvação da vida de um, como de cem, ou mil.

A história do *Inimigo do povo* de Ibsen repete-se.

E entretanto João Franco era um homem inteligente, um homem honrado, um patricta íntegro, um dos mais notáveis chefes do govêrno que Portugal tem tido em todos os tempos.

Mas a máquina política não tinha apenas peças da sua têmpera. Além dos grãos de areia, tinha peças de mau metal, peças gastas e peças trocadas. E essas más peças, meus senhores, tinham passado, muitas delas, por escolas superiores, tinham algumas delas estudado em Coimbra, tinham sido universitárias, como vocês, rapazes.

Foi precisamente a sua falta de preparação social, foi a sua pretensão a serem entendidos em tôdas as especialidades, que deu origem a uma frase, tão injusta como a intervenção extemporânea ou errada dêles, à frase que correu mundo, de que o mal do país eram os bacharéis e que o remédio estava em afastar os bacharéis, êrro funesto de que resultou êles serem substituídos por quem tinha todos os defeitos e ignorância imputados aos bacharéis, fora das suas respectivas especialidades, sem ter nenhuma das virtudes.

* * *

Ora é por conhecer essa lição da História e porque também sou bacharel e nada mais, ou doutor, como tôda a gente, se quiserem, e tanto prezo o título, que me levou muitos anos e muitos esforços a conquistar, que eu aqui venho, rapazes, não fazer-vos um discurso político, nem uma lição pedante de exibição erudita para vos convencer de que sou uma pessoa muito entendida, mas dizer-vos qual é—visto da vida—o papel que vos está reservado na defesa da saúde do povo português, sem vos obrigar a aulas, nem a sebatas, nem a cólicas...

Os universitários de hoje, os dirigentes de amanhã, têm de sair das cidades universitárias com o seu diploma dignamente adquirido, à custa de estudo, de assiduidade, de escrúpulo e lealdade, aproveitando as lições dos mestres, quási todos êles cientistas de justo prestígio, a-pesar-de certos aspectos dos programas e dô ensino, que, por um respeito quási supersticioso pela orientação das escolas estrangeiras que lhes têm servido de modelo, precisam na verdade de ser rectificadas, muitos dêles.

Saber dos mestres e elementos para a sua preparação técnica especial nos cursos que cada qual segue, não faltam nas nossas três universidades, embora haja pouco material didático, muitas vezes.

Mas, a par da preparação técnica informativa, da *formatura* universitária propriamente dita, os estudantes precisam de completar cá fora a sua *formação* intelectual, aproveitando a circunstância favorável e excepcional de viverem entre camaradas de outras faculdades e entre mestres competentes nas diversas especialidades.

Essa *formação* intelectual geral, que em tempos idos era feita ao acaso nas *repúblicas*, com as deficiências resultantes sempre do *acaso*, pode, mercê dô esfôrço e orientação do vosso Reitor e Vice-Reitor,

tomar um carácter metódico, igualmente agradável e despreocupado mas seguindo as normas férteis ensinadas pela sã pedagogia.

A Associação Académica pode e deve ser o centro dessa actividade, uma verdadeira universidade livre, no sentido nobre e construtivo da palavra, onde vocês, rapazes, no meio do convívio amigo e culto, uns com os outros, pratiquem e aprendam os rudimentos de administração e vida prática, um pouco à maneira do que se faz nas universidades inglesas de Oxford e Cambridge, e nalgumas universidades americanas, revivendo o que de nobre e sã havia nas universidades medievais e tão alto ergeu o nome de Coimbra em todo o mundo culto.

Não é a forma e o aspecto exterior que devem prender-vos, nem certos aspectos arcaicos e anacrónicos, que antes têm lugar num museu, mas o espírito profundo e a essência, adaptados à vida moderna, tão belos, tão inteligentes e tão humanos, que são o melhor modelo à própria vida moderna.

O corporativismo académico, cheio de dignidade e *panache*, não para criar autómatos passivos e ridículos, mas para elevar a dignidade individual e treinar para a nobre arte de saber obedecer, sem perder a personalidade, tudo isso merece ser cultivado e acarinhado na vossa, na nossa Associação Académica.

Os mestres — os homens de ciência — virão trazer-vos por certo a sua colaboração, não para repetirem lições feitas aos alunos das respectivas Faculdades, mas para vos darem a síntese acessível das suas ideias, o perfume, se assim me posso exprimir, do que constitui a ciência propriamente dita, o que baste para a formação geral do vosso espírito.

* * *

Um dos mais instantes cuidados que deveis merecer uns aos outros é o que diz respeito à defesa da vossa saúde, da vossa robustez, para que o vosso espírito não se torne inútil ou se abastarde por falta dum apoio indispensável. Ora êsse cuidado pela vossa saúde, permitindo defender a própria robustez, dá-vos azo a que vos exerciteis numa das mais nobres ocupações a que pode entregar-se um homem de bem, qual é a de fazer bem ao seu semelhante — a melhor escola de civismo que eu conheço.

Combater o egoísmo, cultivar a piedade e o amor pelos que sofrem, rasgar consciante e corajosamente, sem que a polícia tenha de intervir, grande parte das páginas dêsse louco de génio que se chamou Nietzsche, que depois de envenenar as gerações que hoje governam o mundo, deu origem paradoxalmente a êsses dois barbarismos intelectuais que se chamam bolchevismo e certo nacionalismo anti-cristão, inimigos na aparência durante algum tempo, mas caídos logicamente nos braços um do outro, pela afinidade espiritual da sua origem.

Combater o egoísmo e cultivar a piedade pelos que sofrem não significa abdicação, enfraquecimento ou renúncia, antes obriga à preparação de uma geração forte de espírito, independente e digna, patriótica e ousada.

Mal da saúde do corpo que não seja acompanhada da saúde da alma!

Aqui na Associação Académica, vocês, rapazes, valer-se-hão uns aos outros, aprendendo a fazer assistência e previdência, começando por assistir aos próprios camaradas e por ser previdentes.

Aprendereis os recursos que a higiene e a medicina preventiva podem oferecer a um país, e que, juntos aos esforços dos técnicos, — dos médicos — permitirão que a sanidade oficial possa vir a ser eficaz. Espalhados amanhã por essas terras de Portugal, não ireis manchar a vossa inteligência e a vossa cultura de universitários, colaborando inconscientemente em campanhas vergonhosas como essas que vos referi, da peste do Pôrto e da Madeira.

Os grandes problemas sanitários nacionais serão compreendidos por vocês e explicados inteligentemente àquêles que têm direito a esperar que lhos expliqueis, pela vossa cultura, pela categoria que vos dá o título de diplomados pela Universidade.

O problema da mortalidade infantil, o do alcoolismo, o da tuberculose, o da lepra, o do paludismo, o da varíola, o da febre tifoide, o do garrotinho, o do carbúnculo, o do tifo exantemático, o da febre de Malta, o da raiva, o do tracôma, tantos, tantos, que as autoridades sanitárias nunca conseguiram resolver por falta de ambiente, poderão colocar-nos a par dos países mais civilizados do mundo, desde que vocês, os universitários, os ajudem a resolver. A's senhoras que freqüentam os cursos superiores cabe uma particular missão, que me é hoje impossível desenvolver, no estudo atento e expansão máxima do serviço social moderno, Serviço Social de que tôda a gente fala, mas de que infelizmente ainda muita gente fala teóricamente, por não reparar que êle é tão velho como Portugal, pois pode sintetizar-se na realização máxima e metódica das Obras de Misericórdia e combate máximo e metódico dos pecados mortais do cristianismo.

Tendo percorrido todos os liceus do País, alguns dêles repetidas vezes, tenho encontrado em mais do que um dedicados esforços das senhoras professoras — (antigas universitárias) — nesse sentido.

E' grande e nobre o papel reservado a tôdas e a todos na defesa da saúde dos portugueses, como grande é a responsabilidade da sua indiferença ou, pior ainda, da sua hostilidade.

Em particular quero dizer algumas palavras aos meus comprouvianos da antiga Beira Baixa e aos vizinhos beirões da antiga Beira Alta e de Trás-os-Montes.

Vocês sabem que as nossas províncias são alcunhadas das menos higiênicas do País? Lavadinhos de alma, francos, leais e puros como nenhuns outros portugueses o são mais, todos concordam sermos, mas

que com a hygiene pouco nos preocupamos. E sabem porque nos acusam? Porque é nas nossas províncias que mais avultam os andaços que denunciam pouco asseio individual, como a febre tifoide, o tifo exantemático e o carbúnculo, ou falta de disciplina social e civilização, como a variola.

De nada vale dizermos que os minhotos, os extremenhos e os ribatejanos se nos avantajam no alcoolismo. Eles respondem-nos que o mêdo do vinho é em nós apenas uma modalidade do mêdo à água; que nas hospedarias beiroas e transmontanas a sala de banho é um luxo inútil por falta de quem a utilize, e que nós preferimos mandar a nossa roupa tomar banho a tomarmos-lo nós próprios . . . E nós zangamo-nos, e nós còramos indignados, respondendo-lhes que não têm conta as casas de banho luxuosas, em Lisboa, que servem para fins diversos dos que lhes incumbem . . . Eles riem-se, apresentam-nos alguns exemplos mais e nós temos de calar-nos para não acabarmos por perder a paciência.

Rapazes beirões e transmontanos! Contai isto nas vossas terras para que as aparências deixem de ser contra vós e para convencer tôda a gente de que tão lavadinhos somos de corpo como de alma.

* * *

Vai já comprida a conversa. E' melhor ficar o resto para outro dia e para quem melhor do que eu saiba conversar.

Fala-se agora muito em raça, em rejuvenescimento, em educação física, em profilaxia, em criar verdadeiramente, à maneira grega, na nossa juventude, uma «mens sana in corpore sano».

Muito podia dizer-vos sôbre o caso, rapazes! Mas esta tagarellice de *rèpública* coimbrã que eu trouxe hoje aqui para a nossa Associação, para matar saúdades da mocidade, — vejam lá! — roubou-lhes tempo e afinal nada lhes disse.

E' que eu não vim, não pretendi, trazer-lhes novidades, mas apenas um bocadinho do meu calor, do meu entusiasmo e da minha fé.

Que podia um pobre e obscuro forçado da Medicina trazer de novo à terra dos doutores? Pretensões? Nunca as tive. Ensinar o Padre Nosso na terra dos Vigários? Seria isso ridículo da minha parte.

Olhem, à falta de melhor, deixem que eu lhes dê um conselho com a autoridade única que me dão os poucos cabelos brancos que me restam.

A vossa Universidade tem inimigos — os que evidentemente a não conhecem. Têm sido os mestres que até aqui a têm sabido defender — defendendo-os a vocês e às nobres tradições da cultura coimbrã. No momento que passa, é tempo de vocês pagarem essa dívida de gratidão aos mestres. E' a altura de vocês defenderem a

Universidade dos que a ataquem. Não têm para isso de lisongear os mestres, de ser *manteigueiros*, como se diz na gíria académica.

Não podem entretanto dispensar a sua colaboração, deixando-os indiferentes a cantar, como as mãis fazem aos meninos pequeninos, «para o papão se ir embora» e deixar que êles durmam «um soninho descansado». Felizmente (e honra lhes seja feita) não será também necessário cobri-los com uma capa, à maneira do filho do Noé das Escrituras, até que passe o perigo.

Os mestres de hoje não são como os de outrora, alguns dos quais eu ainda conheci. Por isso vocês, rapazes, chamem-nos à vossa barricada, para que êles possam lutar a vosso lado, a golpes de talento e de saber.

Sôbre o modo de vos defender a saúde, deu grande exemplo o vosso Reitor, criando as fichas individuais de vocês todos, de modo a defender-vos a mocidade, tanto da imobilidade ferrugenta do sedentarismo, como da actividade despropositada e assassina, ou suïcida.

O início da assistência aos estudantes pobres, feita delicada, inteligente e dignamente, é outro exemplo, que por certo vai ser seguido e frutificar.

Não faltarão mestres de boa vontade que vos tragam palavras de saber e ensinamento. Dir-vos-hão como o homem é um todo harmónico, máquina admirável, obedecendo a leis duma física e de uma química especial e transcendente, marcado com o ferrete indelével da hereditariedade, revelando as doses com que a secreção de cada glândula endocrínica condicionará o determinismo dos actos psíquicos mais subtis e aparentemente mais voluntários. Explicar-vos-hão os limites da acção do professor e do médico na transformação da hereditariedade carregada. Mostrar-vos-hão até onde pode ir a acção do homem de ciência na profilaxia dos males que enfraquecem ou destroem a humanidade. Ensinar-vos-hão como é possível conhecer a biologia dos microorganismos e como é que, à custa de observações e estudo científico, é permitido afirmar que certos micróbios patogénicos são inofensivos e porque é raro o tétano nos campos de *foot-ball*. Garantir-vos-hão a superioridade da Ciência, fundada na observação e na indução, na crítica das próprias experiências e na exigência maior para si próprios do que para os outros.

* * *

Nada disso —vêde-lo bem— eu pude trazer-vos aqui. Culpem-me a mim, mas culpem antes quem me cá trouxe. Como vêem a minha fala é tão inofensiva como eu próprio.

Não vim fazer-vos uma conferência. Nem sequer uma simples palestra. Vim apenas falar um pouco com vocês, trazer-vos, como disse, um pouco do meu entusiasmo e da minha fé.

Como simples arauto devem tomar-me. Há cargos que ninguém
quere desempenhar. Este de arauto é um dêles.

Pois bem, eu não o temi, não me envergonhei, nem me arreciei
dêle, pois sei, sem ciúme algum, antes com sincero júbilo, que o que
eu não pude dar-vos, há-de ser-vos dado por quem tem os requisitos
para isso, que me faltam.

A medicina preventiva e a higiene social são a terapêutica da
Nação, com a medicina individual clássica é a que cuida dos males
de cada um em particular.

O papel dos universitários na preparação do ambiente para a
sua eficácia só é comparável à responsabilidade dos universitários
das gerações passadas no insucesso dos esforços competentes e dedi-
cados de tantos e tantos médicos que lutaram em vão contra a igno-
rância e a rotina.

Possa a campanha partida da Associação Académica de Coimbra
vencer essa ignorância e essa rotina, e a geração universitária de
hoje concorrerá mais para o rejuvenescimento e revigoração da
raça do que muitos dos que até hoje procuraram êsse revigoração
em filtros misteriosos e infalíveis, porque em vez de se fundar em
ilusões ou na repetição de experiências ineficazes, já feitas, assentará
a sua acção nas realidades e possibilidades materiais e morais do
povo português.

Fevereiro de 1940.





RÓ
MU
LO



1329646415

CENTRO CIÊNCIA VIVA
UNIVERSIDADE COIMBRA

